



### SAÚDE MENTAL NA TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE: ABORDAGEM GESTÁLTICA DA DIMENSÃO AFETIVO-SEXUAL

*Mental Health During the Transition to Parenthood: Gestalt Approach to the Affective-Sexual Dimension*

*Salud Mental en la Transición a la Parentalidad: Enfoque Gestáltico de la Dimensión Afectivo-Sexual*

**Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa  
Letícia Marlene dos Santos Figueiredo**

**Resumo:** A notícia da chegada de um novo membro familiar traz consigo inúmeros desdobramentos, tanto para a dimensão individual como para a esfera da conjugalidade. Dentre as dimensões atravessadas nesta transição, engloba-se a esfera afetiva e sexual. Este estudo consiste em uma Revisão Sistemática. Nesta investigação, a base de dados escolhida para realização das buscas foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Considerando os objetivos do presente estudo, os descritores eleitos são: sexualidade, gravidez, parentalidade e conflito familiar. Partindo dos achados, sistematizou-se o conteúdo em categorias, a saber: “Sexualidade e Gravidez: Desafios e repercussões”, “A Sexualidade na percepção masculina com a chegada do novo membro familiar”, “Parentalidade, relações familiares e os desdobramentos na dimensão afetivo-sexual” e o “Papel do profissional de saúde e do planejamento familiar para a vivência da sexualidade”. Pôde-se sistematizar grandes áreas trabalhadas acerca da chegada do primeiro filho e suas reverberações no contexto afetivo. Nota-se que a sexualidade sofre impactos já na fase da gestação, momento que revela aos cônjuges a mudança da conjugalidade para a parentalidade.

**Palavras-chave:** Parentalidade; Filhos; Sexualidade; Gravidez.

**Abstract:** The news of the arrival of a new family member brings numerous ramifications, both for the individual dimension and for the realm of conjugal life. Among the dimensions traversed in this transition, the affective and sexual sphere is encompassed. This study consists of a Systematic Review. In this investigation, the chosen database for conducting searches was the Periodicals Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES). Considering the objectives of this study, the selected descriptors are: sexuality, pregnancy, parenthood, and family conflict. Based on the findings, the content was systematized into categories, namely: "Sexuality and Pregnancy: Challenges and repercussions," "Sexuality in male perception with the arrival of the new family member," "Parenthood, family relationships, and the implications in the affective-sexual dimension," and the "Role of health professionals and family planning in the experience of sexuality." Major areas concerning the arrival of the first child and its reverberations in the affective context were systematized. It's noted that sexuality undergoes impacts already during the pregnancy phase, a moment that reveals to couples the shift from conjugal life to parenthood.

**Keywords:** Parenthood; Children; Sexuality; Pregnancy.

**Resumen:** La noticia de la llegada de un nuevo miembro familiar trae consigo numerosos despliegues, tanto para la dimensión individual como para la esfera de la vida conyugal. Entre las dimensiones atravesadas en esta transición, se incluye la esfera afectiva y sexual. Este estudio consiste en una Revisión Sistemática. En esta investigación, la base de datos elegida para llevar a cabo las búsquedas fue el Portal de Periódicos de la Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior (CAPES). Considerando los objetivos del presente estudio, los descriptores elegidos son: sexualidad, embarazo, parentalidad y conflicto familiar. A partir de los hallazgos, se sistematizó el contenido en categorías, a saber: "Sexualidad y Embarazo: Desafíos y

repercusiones", "La Sexualidad en la percepción masculina con la llegada del nuevo miembro familiar", "Parentalidad, relaciones familiares y las implicaciones en la dimensión afectivo-sexual" y el "Papel del profesional de la salud y de la planificación familiar en la vivencia de la sexualidad". Se pudo sistematizar las áreas principales trabajadas en relación con la llegada del primer hijo y sus repercusiones en el contexto afectivo. Se observa que la sexualidad sufre impactos ya en la fase de gestación, momento que revela a las parejas el cambio de la vida conyugal a la parentalidad.

**Palavras clave:** Parentalidad; Hijos; Sexualidad; Embarazo.

---

## INTRODUÇÃO

A notícia da chegada de um novo membro familiar traz consigo inúmeros desdobramentos, tanto para a dimensão individual como para a esfera da conjugalidade. Mesmo que de forma planejada, a gravidez pode gerar sentimentos de ambivalência, os quais podem abarcar medos, felicidade, sentimentos de incapacidade, ansiedade. Esta nova fase contribui para a aquisição de novas habilidades, bem como demanda adaptações na vida do casal e a depender de como os laços foram formados na fase anterior à gravidez, aumenta-se ou diminui o aparecimento de conflitos na relação conjugal (Hintz, Dellazzana-Zanon, & Baginski, 2015).

Menezes e Lopes (2007) descrevem que a notícia da gestação possibilita modificações tanto positivas quanto negativas no processo da conjugalidade. Logo “o nascimento de um filho é considerado um acontecimento que redefine a relação conjugal, antes a única existente no núcleo familiar” (p. 84). Neste sentido, novos papéis surgem na dinâmica do casal, como o desempenho da educação dos filhos, atividades relacionadas ao cuidado e financeiras, dentre outras novas configurações que emergem nesse contexto.

Dentre as dimensões que também atravessadas nesta transição, engloba-se a esfera afetiva e sexual. Hintz *et al.* (2015) dissertam que se rompe a relação de exclusividade entre o casal, inserindo-se uma nova figura, a do novo membro da família. Por vezes, “a mulher necessita de apoio, atenção e carinho do marido. O marido, por sua vez, pode se sentir abandonado pela esposa que, além de estar totalmente voltada para o bebê, está mais sensível e introspectiva” (p. 243). Com isso, questões de ciúmes e sentimentos de exclusão podem incorrer no relacionamento. O exercício da sexualidade também é perpassado por algumas questões que envolvem crenças difundidas socialmente, além disso, diversos estudos que tratam sobre gravidez e sexualidade destacam a função e disfunção sexual em mulheres durante a gestação, bem como o imaginário sobre a sexualidade por parte dos parceiros.

O objetivo desta revisão é identificar e sistematizar as publicações relacionadas à parentalidade que façam interface com conflitos conjugais, principalmente, no que tange à dimensão afetiva sexual na relação conjugal.

## PERCURSO METODOLÓGICO

A revisão sistemática consiste em realizar uma análise das produções científicas acerca de uma dada temática e, com isto, permite construir uma investigação crítica a partir da sintetização dos estudos significativos à pesquisa (Ricci, Pereira, Erazo, Onocko-Campos & Leal, 2020). A primeira fase deste tipo de revisão abarca a escolha de base de dados a ser utilizada, a seleção de descritores ou palavras-chave e a criação de critérios de inclusão e exclusão. A segunda fase preconiza a busca nas bases de dados e a organização e seleção do material a ser analisado, com o intuito realizar o refinamento e escolha do material científico que irá compor a pesquisa.

Nesta investigação, a base de dados escolhida para realização das buscas foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ser considerado como um dos maiores acervos científicos *online* do Brasil e abarcar produções nacionais e internacionais, além de conter em seu domínio outras bases importantes como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Scopus*.

Os descritores foram escolhidos a partir da plataforma de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), os quais servem como linguagem de indexação em produções científicas. Considerando os objetivos do presente estudo, os descritores eleitos são: sexualidade, gravidez, parentalidade e conflito familiar, estes foram correlacionados a partir do operador booleano “and” nas combinações “gravidez and sexualidade”, “gravidez and conflito familiar”, “parentalidade and sexualidade” e “parentalidade and conflito familiar”.

Como critério de inclusão, admitiu-se artigos completos de acesso livre, publicados nos últimos dez (10) anos, em português, inglês ou espanhol que façam relação à temática da investigação. Já os critérios de exclusão são artigos que estão publicados fora do período de 2012 a 2022, resumos simples ou expandidos, trabalhos publicados em anais de eventos, revisões integrativas ou narrativas e trabalhos que não reportem e contribuam ao tema da pesquisa ou que estejam em idiomas que divergem dos que estão citados.

A busca na base de dados, compreendeu três fases: identificação, seleção e inclusão. Como parte da identificação, fez-se primeiramente a leitura dos títulos dos artigos e em seguida, partiu-se para a leitura dos resumos, como intuito de refinar e selecionar os artigos que são pertinentes à pesquisa. Após isto, os artigos incluídos foram lidos na íntegra e os textos selecionados para compor o escopo da revisão estão sistematizados a partir dos seguintes dados: título, ano de publicação, nome dos autores, palavras-chave e principais resultados. A seguir, apresentam-se os resultados da pesquisa.

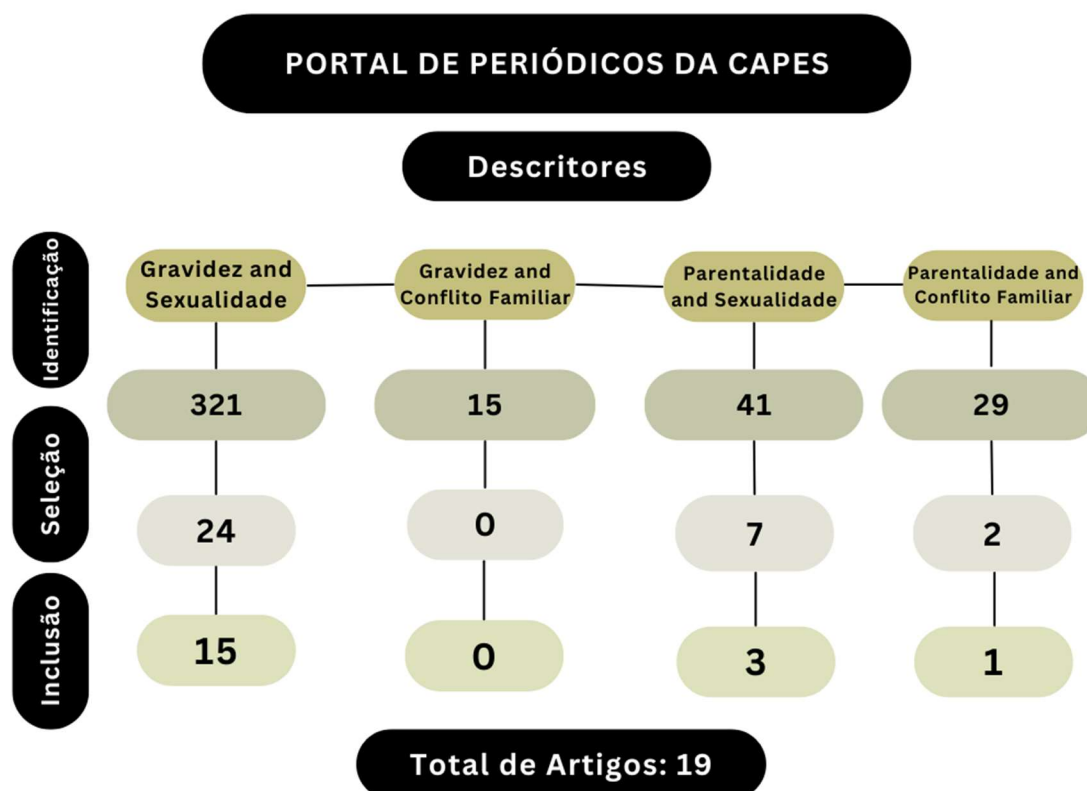
## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da pesquisa no Portal de Periódicos da CAPES, na busca avançada utilizou-se os filtros: artigos e últimos 10 anos. Na combinação “gravidez and sexualidade”, obteve-se 321 resultados, destes, através do título selecionou-se 24 artigos e após a leitura dos resumos, restaram 15 artigos. Os descritores “gravidez and conflito familiar” resultaram em 15 artigos, contudo, após a leitura do título, todos os resultados obtidos foram descartados por não corroborarem à investigação proposta.

Para os descritores “parentalidade and sexualidade”, 41 artigos foram identificados e com a leitura do título 7 artigos foram selecionados e após a vista do resumo, identificou-se uma repetição e 3 artigos que fugiam aos objetivos desta pesquisa, portanto, 3 artigos foram incluídos ao escopo da pesquisa. Já os termos “parentalidade and conflito familiar” geraram 29 resultados e destes foram selecionados 2 artigos e após o refinamento, identificou-se um artigo duplicado, logo, apenas 1 artigo foi incluído. A *figura 1* ilustra o processo de identificação, seleção e inclusão dos artigos.

**Figura 1**

*Fluxograma de Identificação, seleção e inclusão dos artigos*



Fonte: As autoras (2022)

Após a inclusão dos trabalhos, no *Quadro 1*, apresentam-se os artigos a partir de seu título, ano de publicação e autores. Quanto ao ano e quantidade de artigos, compreendendo os últimos dez anos, nota-se que houve quatro (4) publicações em 2012, duas (2) no ano de 2013, três (3) em 2014, duas (2) em 2015, uma (1) em 2016, quatro (4) em 2018, duas (2) em 2019 e uma (1) em 2020 e 2021.

## Quadro 1

### *Artigos selecionados e incluídos*

Nº	TÍTULO	ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTORES
1.	Aquilo que a amamentação retira e o desmame restaura: relatos maternos sobre tensionamentos e materiais de comunicação e informação em saúde	2021	Irene Kalil e Adriana Aguiar.
2.	Consulta de Pré-Natal de Enfermagem: cuidado além dos aspectos fisiológicos	2015	Regiane Teixeira <i>et al.</i>
3.	Corpo e sexualidade na gravidez	2012	Natalúcia Araújo <i>et al.</i>
4.	Diagnóstico de enfermagem disfunção sexual em gestantes: uma análise de acurácia	2012	Cláudia Queiroz, Vanessa Sousa e Marcos Lopes.
5.	Disfunção sexual: Avaliação de mulheres durante o terceiro trimestre gestacional	2015	Ana Mathias <i>et al.</i>
6.	Função sexual e qualidade de vida em gestantes de baixo risco	2012	Denise Ferreira <i>et al.</i>
7.	Gravidez e parto: O que muda no estilo de vida das mulheres que se tornam mães?	2014	Emília Coutinho <i>et al.</i>
8.	Impacto da gestação na função sexual feminina	2013	Daniela Prado, Ryane Lima e Leyla Lima.
9.	Percepção masculina sobre atividade sexual no período gestacional	2018	Dailon Alves <i>et al.</i>
10.	Perfil Sexual de Gestantes Atendidas em Pré-Natal de Alto Risco	2014	Jacqueline Silva <i>et al.</i>
11.	Pós-parto e sexualidade: perspectivas e ajustes maternos	2019	Larissa Siqueira, Mônica Melo e Ramon Morais.
12.	Práticas educativas desenvolvidas por enfermeiras: repercussões sobre vivências de mulheres na gestação e no parto	2012	Jane Progiante e Rafael Costa.
13.	Prevalence of Sexual Dysfunctions and their Associated Factors in Pregnant Women in an Outpatient Prenatal Care Clinic	2019	Julianna Guendler <i>et al.</i>

14.	Sexualidade durante todas as fases da gravidez: experiências de gestantes	2018	Cayetano Fernandez-Sola <i>et al.</i>
15.	Vivência da sexualidade feminina no período gestacional: à luz da história oral temática	2013	Danielle Viana <i>et al.</i>
16.	Importância do profissional de saúde na educação sexual e parental	2018	Mário Sanches, Larissa Parteka e Leide Sanches.
17.	Planejamento familiar: do que estamos falando?	2016	Mário Sanches e Daiane Simão-Silva.
18.	Tipos de conjugalidade e sexualidade na transição para a parentalidade de mulheres de classe média de Salvador, Bahia	2014	Juliana Vilar e Elaine Rabinovich.
19.	Filhos com Sintomas Psicológicos Clínicos Papel Discriminante da Conjugalidade, Coparentalidade e Parentalidade	2018	Clarisse Mosmann <i>et al.</i>

Fonte: As autoras (2022)

A partir das palavras-chave contidas nas publicações, optou-se pela construção de uma nuvem de palavras, expressa na *Figura 2*, no sentido de ilustrar as principais temáticas abordadas nos achados. Desta forma, percebeu-se que nos estudos acerca da dimensão afetivo sexual, há pesquisas principalmente ligadas ao período da gravidez, incluindo todo o ciclo gravídico puerperal.

**Figura 2**  
Nuvem de palavras



Fonte: As autoras (2022)

Partindo dos achados, sistematizou-se o conteúdo em categorias, a saber: “Sexualidade e Gravidez: Desafios e repercussões”, “A Sexualidade na percepção masculina com a chegada do novo membro familiar”, “Parentalidade, relações familiares e os desdobramentos na dimensão afetivo-sexual” e o “Papel do profissional de saúde e do planejamento familiar para a vivência da sexualidade”, as quais são apresentadas a seguir.

## **SEXUALIDADE E GRAVIDEZ: DESAFIOS E REPERCUSSÕES**

A temática da sexualidade se desenvolveu ao passar dos anos cerceada por diversos tabus, sendo por muitas vezes uma discussão silenciada socialmente. Viana, Barrêto, Fonseca, Costa e Soares (2013) destacam que a sexualidade é uma necessidade comum dentre os seres humanos e que a visão repressora acerca dela se entrelaça com questões religiosas, as quais podem desencadear prejuízos e privações. Corroborando com esta ideia Araújo, Salim, Gualda e Silva (2012) afirmam que ao discutir sexualidade, é necessário partir de uma visão além do âmbito biológico e englobar a esfera sócio-cultural, repleta de significados e que baliza as vivências sociais, capazes de serem reelaboradas de acordo com as interações e o ambiente em que o indivíduo se insere.

A visão estigmatizada acerca da sexualidade também afeta sua expressão durante a gestação. A gravidez é o evento que anuncia aos cônjuges a chegada de um novo membro familiar. Viana *et al.* (2013, p. 89) desvelam que a sexualidade é uma temática delicada e difícil de ser tratada junto ao casal, “pois é um período que envolve adaptações físicas, psicoemocionais, socioculturais e sexuais que pode conduzir a um maior estresse e várias dificuldades no que diz respeito ao relacionamento sexual com o cônjuge”. Fernández-Sola, Huancara-Kana, Granero-Molina, Carmona-Samper, López-Rodríguez, e Hernández-Padilla (2018) discorrem que “a gravidez gera sentimentos positivos como a alegria, mas ao mesmo tempo, sentimentos negativos como depressão, medo e ansiedade, que podem repercutir negativamente na vida sexual da mulher grávida e de seus parceiros”, apontando a ocorrência de sentimentos ambivalentes neste período.

O ciclo gravídico puerperal compreende desde o momento da concepção até o período pós-parto e seus desdobramentos, como a amamentação. Neste sentido, apresenta-se o panorama das pesquisas encontradas na vivência da gravidez, no pós-parto e amamentação em interface com a sexualidade. Vale ressaltar que algumas investigações dão ênfase, principalmente, às vivências na percepção das mulheres neste ciclo.

Fernandez-Sola *et al.* (2018) apontam que durante a gestação, na fase do primeiro trimestre, as modificações nos aspectos físicos e emocionais produzem a atenuação da regularidade das relações íntimas e do desejo sexual. Já no segundo trimestre, o desejo sexual tem a possibilidade de retorno aumentada, o que se associa a uma elevação no bem-estar físico da gestante, a qual, geralmente, possui menor medo de perder o bebê e maior lubrificação vaginal. No terceiro trimestre, por sua vez, há um declínio na atividade sexual em decorrência, principalmente, de limitações físicas, ocasionados pelo tamanho e forma do corpo e a pressão sobre o útero. Em consonância a este apontamento, Silva, Silva, Pereira, Nunes, Lima Júnior e Dias, (2014) dissertam que encontraram em seus achados uma relação expressiva entre limitações sexuais e o último trimestre da gravidez.

No decorrer da gravidez, Coutinho, Silva, Chaves, Nelas, Parreira, Amaral e Duarte (2014), motivadas por buscar conhecer as transformações no estilo de vida de mulheres imigrantes e portuguesas provocadas pela gravidez e pelo parto, desvelam que ocorreram alterações na relação conjugal quanto a vivência da sexualidade e na relação conjugal, e na amostra de 82 participantes, apenas uma relatou ter aumentado a atividade sexual no fim da gravidez, o que assinala experiências singulares.

No estudo de Viana *et al.* (2013), “alguns depoimentos relataram que o comportamento sexual, delas e dos seus maridos, melhorou e a frequência sexual aumentou porque os seus maridos foram mais carinhosos, compreensivos e companheiros”, o que mostra que a presença dialógica na relação conjugal pode contribuir na relação íntima do casal no período da gestação.

Além disso, diversos estudos que tratam sobre gravidez e sexualidade destacam a função e disfunção sexual em mulheres durante a gestação. Prado, Lima e Lima (2013, p. 206) descrevem que “entende-se disfunção sexual como distúrbios no desejo e nas alterações psicofisiológicas que caracterizam a resposta sexual e causam angústia e dificuldades interpessoais”, sendo uma vivência prevalente na população feminina. Queiroz, Sousa e Lopes (2013, p. 706) assinalam que a disfunção sexual é definida “como uma mudança na função sexual, observada em uma ou mais fases da resposta sexual (desejo, excitação e/ou orgasmo) que são vistas como insatisfatórias, não compensadoras e inadequadas”, estando a função sexual ligada não somente a aspectos biológicos, mas também relacionais e psicológicos.

Neste sentido, Mathias, Pitanguí, Arantes, Freitas, Vilela e Dias (2015) aponta que a ocorrência de disfunções sexuais pode influir em conflitos conjugais, estimulações de zonas erógenas inadequadas, falta de atração sexual pelo parceiro, além de ansiedade e cansaço. As autoras alertam que a gravidez é uma fase em que as mulheres estão mais vulneráveis à apresentação de disfunções sexuais “visto que fatores como o bem-estar emocional geral e o



sentimento de proximidade com o parceiro durante a relação são preditores de problemas sexuais, como o desejo feminino” (p. 78).

Em consolidação a este estudo, Ferreira, Nakamura, Souza, Mariani Neto, Ribeiro, Santana e Abdo (2012, p. 412) também fazem a associação entre qualidade de vida e função sexual, desvelando “que as mulheres que avaliaram sua qualidade de vida como “ruim” também referiram função sexual “ruim”, o que parece comprovar nossa hipótese inicial de que realmente há associação entre qualidade de vida e função sexual”. Já o estudo de Prado *et al.* (2013, p. 208) revelou que “as mudanças corporais, psicológicas e hormonais inerentes a esse período, bem como o receio de que o intercurso sexual possa culminar com complicações obstétricas ou machucar o bebê podem justificar tal impacto negativo da gestação na função sexual feminina”, o que apresenta crenças diversas acerca da sexualidade na gravidez.

Em continuidade a esta ideia, a pesquisa de Guendler, Katz, Flamini, Lemos e Amorim (2019) demonstrou que a vivência na sexualidade pode ser pautada por mitos, tabus, questões religiosas e socioculturais, e, na gestação, pode ser justificada pelo medo de prejudicar o feto, desconforto com determinadas posições ou com o peso e tamanho da barriga na gestação, medo de antecipar o parto, dor durante o ato sexual, dentre outros fatores e, embora a maioria da amostra tenha relatado estar satisfeita com sua vida sexual, tanto antes quanto durante a gravidez, houve diminuição da satisfação sexual em grande número de mulheres neste período.

Em relação ao conceito de sexualidade na gravidez, Araújo *et al.* (2012, p. 557) destacaram que “a sexualidade foi definida, pela maioria das mulheres, como sinônimo de ato sexual; relataram baixa da libido durante a gravidez, sendo esta bem compreendida pelo companheiro”, fato que pode limitar a expressão da sexualidade por outros meios e adaptações. Quanto a isto, Fernandez-Sola *et al.* (2018) destaca que, em seu estudo, muitas colaboradoras mostraram possuir crenças acerca da sexualidade na gravidez e discorre que

Tais crenças resultam da ausência de educação sexual recebida durante este período e as torna incapazes de desfrutar plenamente de sua sexualidade durante esse período. [...] Guiadas por tais crenças, as participantes adotam atitudes temerosas ou superprotetoras, que resultam na diminuição da quantidade e qualidade de suas relações sexuais. Por exemplo, algumas participantes relataram que seus parceiros estavam com medo e inseguros de fazer sexo com penetração total por medo de ferir a futura mãe e/ou o feto. (Fernandez-Sola *et al.*, 2018, p. 308)

Estes achados também se fazem presentes nas pesquisas de Silva *et al.* (2014, p. 17), a qual descreve que “se observam queixas comuns relacionadas a questões culturais como o medo de o pai machucar o bebê durante a relação, de a ejaculação dentro da vagina afogar o bebê, de o volume do abdome atrapalhar a relação ou o parceiro não sentir atração pelo corpo” da mulher grávida.

Já no período pós-parto, o estudo de Siqueira, Melo e Morais (2019) mostraram que os relatos das participantes estavam ligados principalmente ao receio de sentirem dores nas relações sexual após o nascimento da criança. Destacam que “a relação sexual no período pós-parto pode ser bastante dolorosa e muito incômoda, portanto, capaz de gerar conflito com o parceiro, desgaste do relacionamento e afastamento do casal” (p. 8). Outra questão relaciona-se ao medo da ocorrência de uma nova gravidez durante o puerpério e, nesta investigação, a possibilidade de uma gravidez após o parto influi de forma negativa no retorno às atividades sexuais e destaca que

O medo de uma nova gravidez foi determinante para a maioria das puérperas entrevistadas, demonstrando que o conhecimento e as informações relacionados a esse assunto são insuficientes ou precárias, o que pode ocasionar, por vezes, na mulher ou no casal, sentimentos de dúvida, insegurança e o medo de uma nova gestação. (Siqueira *et al.*, 2019, pp. 8-9)

Além disso, as autoras dissertam que “as percepções que as mulheres possuem sobre seus corpos no pós-parto estão ligadas à imagem corporal antes da gestação, pois se sentem incomodadas com o corpo atual, afetando a autoestima, a autoimagem, a sexualidade e o relacionamento com o parceiro” (Siqueira *et al.*, p. 10), ou seja, a autoimagem corporal também influencia nesta dinâmica afetivo sexual. Dessa forma, a sexualidade no pós-parto precisa ser vista a partir de um olhar que não apenas vise a recuperação do corpo, mas também o fortalecimento da esfera emocional, a qual é vivenciada singularmente por cada mulher.

Quanto ao momento da amamentação em interface com a sexualidade, a pesquisa de Kalil e Aguiar (2021, p. 604), um estudo com 11 participantes no contexto da amamentação e desmame de até dois anos, mostrou que “a maioria das entrevistadas relatou afastamento de seus companheiros durante a amamentação. A citada indissociação entre corpo da mãe e corpo do bebê, para a maioria das mulheres entrevistadas, afetou a vida íntima conjugal” e cita que

Algumas enxergam o afastamento do casal durante a amamentação como fato biológico, relacionado aos hormônios, e a essa necessidade instintiva da mãe zelar pela sobrevivência do bebê, o que pode constituir a base de uma relação simbiótica, proporcionando uma sensação de ‘pertencer’ mais ao bebê do que ao casal. Isso provocaria uma secundarização ou mesmo um negligenciamento da relação íntima pelas mulheres em razão de um ‘afastamento’ ou ‘esfriamento’ entre a mulher e seu companheiro, visto por algumas como ‘se não existisse’ ou como ‘intruso’ num cenário onde só caberiam dois, a mãe e seu bebê. (Kalil & Aguiar, 2021, p. 604)

Neste sentido, a pesquisa desvela que a figura do seio é vista como um espaço sagrado, sendo protagonista na relação mãe e bebê e destinado somente para os fins da amamentação, assinalando uma visão de limitações quanto ao seio na relação íntima, o que levou algumas mulheres participantes da pesquisa a praticarem o ato sexual de sutiã, por exemplo. As autoras apontam que “se, antes da amamentação, o seio ocupava, provavelmente, um lugar de zona erógena, durante a experiência da lactação, o corpo materno, assexuado, sobrepõe-se ao corpo feminino, sexualizado” (Kalil & Aguiar, 2021, p. 604), o que assinala uma visão de pertencimento do seio exclusivamente ao bebê, também atrelada à diversas crenças.

As faces da gravidez destacadas pelas pesquisas apresentadas nesta categoria, até então, dão ênfase a perspectiva da mulher quanto aos impactos da gravidez na vivência da sexualidade, indo desde a concepção, o período gestacional, pós-parto e no contexto da amamentação. Neste sentido, percebeu-se a importância de discutir a temática na visão dos parceiros das mulheres grávidas, como se apresenta a seguir.

## **A SEXUALIDADE NA PERCEPÇÃO MASCULINA COM A CHEGADA DO NOVO MEMBRO FAMILIAR**

A pesquisa encontrada que faz referência à esta perspectiva é de Alves, Alves, Santana, Moreira, Oliveira e Albuquerque (2018) e busca descrever a percepção dos homens sobre o exercício sexual no período gestacional, no contexto do cotidiano vivido com suas companheiras que estavam grávidas. Esta investigação contou com 10 cônjuges de gestantes que são atendidas por Unidades Básicas de Saúde no município de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. A pesquisa conta com a divisão entre três categorias temáticas, sendo: 1) Conhecimento sobre sexualidade; 2) Modificações na relação sexual em decorrência da gestação; e 3) Mitos em relação à prática sexual durante a gestação.

Na categoria sobre Conhecimentos acerca da sexualidade, assim como na pesquisa de Araújo *et al.* (2012), na qual as mulheres destacaram a sexualidade como sinônimo de ato sexual, a visão masculina também fez a mesma associação e os autores apontam que “os participantes definiram sexualidade como o ato sexual propriamente dito” (Alves *et al.*, 2018, p. 4). Contudo, vale ressaltar que a sexualidade não é apenas considerada do ponto de vista do ato em si, ela compreende diversas esferas como biológicas, psicológicas e sociais, pois está diretamente ligada a construção social com a qual o indivíduo teve contato ao longo da vida, tendo influências culturais e religiosas em sua constituição.

Nesse sentido, a compreensão de sexualidade parece ser resultado das relações sociais e culturais, as quais estão submetidas às experiências humanas, havendo ainda associação simbólica entre sexualidade e ato sexual, uma vez que a maneira como a sexualidade é vivida ainda está diretamente relacionada à forma pela qual os valores e as práticas sociais são percebidos pelos sujeitos, refletindo-se as diferentes culturas existentes. (Alves *et al.*, 2018, p. 4)

Os autores destacam que o termo sexualidade é constantemente utilizado no meio social para este fim em si, sendo um fator que dificulta uma diferenciação por parte do casal. A partir da contribuição de um dos participantes, apontou-se que “a vida sexual, presente durante o período gestacional, deve ultrapassar a mera concepção de prazer associada à região genital. Deve trazer comprometimento e aceitação do outro, com benefícios significativos para os dois” (p. 4), neste ponto, pode-se perceber uma superação da sexualidade como apenas ato, atingindo aspectos mais relacionais e intersubjetivos.

Na categoria “Modificações na relação sexual em decorrência da gestação”, os autores apontam que

Observa-se que, embora a prática sexual venha ocorrendo no período gestacional, para os homens, sofreu alterações, principalmente na frequência de sua realização. De fato, nas gestantes surgem dificuldades para manter a atividade sexual pelo desconforto físico ou pela sensibilidade aumentada, o que exige um carinho e cuidado do parceiro de forma mais expressiva. (Alves *et al.*, 2018, p. 5)

Alves *et al.* (2018) destacam que as transformações quanto à frequência e a posição sexual adotada estão estritamente ligadas as modificações físicas que perpassam pelo crescimento abdominal, por exemplo, demandando adaptações do casal grávido. Questões

psicológicas também estão presentes e afetam a expressão da sexualidade, pois podem interferir no desejo sexual, ocasionando a diminuição da frequência da atividade sexual.

Assim como Fernandez-Sola *et al.* (2018), Alves *et al.* (2018) também apontam a relação da sexualidade com o passar dos trimestres da gravidez, discorrendo que

No primeiro trimestre, é comum haver diminuição do desejo sexual devido às alterações ocorridas, como náuseas e vômitos. No segundo trimestre, a gestação torna-se mais real devido às mudanças corporais, embora ocorra diminuição da frequência dos enjoos e, com isso, ocorra uma possível melhora da disposição sexual. Já no terceiro trimestre, os casais ficam mais reticentes em buscar atividade sexual, e alguns até se abstêm, devido ao desconforto por conta das contrações uterinas aumentadas e a elevação da incidência de câimbras, além do incômodo da protuberância abdominal, devendo ser buscadas novas formas de prazer pelo casal nesse período. (Alves *et al.*, 2018, p. 5)

Contudo, o autor também destaca que algumas mulheres podem não apresentar modificação alguma na prática sexual devido a gravidez, fato que pode gerar uma vida conjugal prazerosa, já que transformações significativas não alteram o curso da sexualidade na vida dos cônjuges. Além disso, também aponta que as atividades sexuais no período gravídico “além de não prejudicar, contribuem para o estabelecimento da manutenção do tônus da região pélvica, facilitando o momento do parto, assim como mantêm a capacidade orgásmica da mulher e o sentimento de ser amada e desejada” (p. 5), destacando benefícios de uma sexualidade saudável, que além de contribuir com o aspecto biofisiológico, considera o outro e seus desejos na relação conjugal.

Por fim, na categoria “Mitos em relação à proibição da prática sexual durante a gravidez”, os autores desvelaram que se observou “que inverdades estão presentes na percepção dos homens sobre a associação da atividade sexual e da gravidez, tais como: a penetração pode machucar o bebê e o ato sexual na gravidez coloca em risco o nascimento de bebês saudáveis” (p. 6), dados que se entrecruzam com as crenças apresentadas por mulheres nas pesquisas supracitadas.

Atribui-se esta visão a questões culturais e religiosas que cercam a sexualidade no período da gravidez que são propagadas e veem a prática sexual nesta fase como errôneas. Os autores destacam que

A atividade sexual durante o período gestacional ainda é vista como inadequada, sendo esperado que a mulher direcione sua libido sexual para cuidar da prole, excluindo-se o

sexo da vida do casal e santificando-se o gestar. A associação da atividade sexual com a maternidade deu também origem a outras crendices secundárias, sendo uma delas a de que a mulher grávida não tem desejo sexual. (Alves *et al.*, 2018, p. 6)

Ressalta-se que tais crenças podem contribuir para o desencadeamento de conflitos conjugais e no exercício da sexualidade. Nesta pesquisa, apenas alguns cônjuges demonstraram conhecimento acerca da sexualidade no período gestacional, contudo, alguns também apresentaram receios quanto à atividade sexual nesta fase. Os autores apontam o pequeno número de participantes como fator limitante na pesquisa, contudo, considerou ter contribuído com a percepção da perspectiva masculina no ciclo gravídico, tendo achados relevantes para compreender a experiência dos cônjuges na vivência da sexualidade com suas parceiras. Logo, segundo Alves *et al.* (2018, p. 5), “a experiência da sexualidade durante a gestação é vivida de forma singular por cada homem e mulher, e reflete como as experiências sexuais atuais são resultados das relações mantidas pelo casal antes da gravidez”, ou seja, reflete a dinâmica dos cônjuges e pode ou não afetar a dimensão afetivo sexual.

## **PARENTALIDADE, RELAÇÕES FAMILIARES E OS DESDOBRAMENTOS NA DIMENSÃO AFETIVO-SEXUAL**

O estudo que aborda os termos “parentalidade” e “conflito familiar” foi apresentado por Mosmann, Costa, Silva e Luz (2018). Os autores deste estudo focam no cuidado coparental dos parentes filiais, não aprofundando questões próprias do campo da sexualidade. Desta forma, para que haja consistência para a perspectiva objetivada, faz-se um diálogo com os apontamentos apresentados por Vilar e Rabinovich (2014), que destacam com maior contundência os impactos da parentalidade e relações familiares na sexualidade.

Inicialmente, o estudo de Mosmann *et al.* (2018) parte dos impactos gerados pelas relações familiares, de forma mais específica a coparentalidade, na saúde mental e comportamento dos filhos. Ele destaca a existência de conflitos nos relacionamentos, indicando “que a qualidade da relação conjugal provoca reflexos na forma como os pais gerenciarão os problemas com as crianças, pois a habilidade para resolver os conflitos conjugais se reflete no exercício da parentalidade” (p. 431).

Com base nas discussões apresentadas por Bolsoni-Silva, Paiva e Barbosa (2009), Freitas e Piccinini (2010), Laxman, Jessee, Mangelsdorf, Rossmiller-Giesing, Brown e Schoppe-Sullivan (2013) e Teixeira, Oliveira e Wottrich (2006), os autores destacam que o

bem-estar psicológico dos cônjuges, a qualidade da relação sexual e conjugal, além da própria divisão de funções parentais entre os pais pode interferir significativamente na saúde mental das crianças (Mosmann *et al.* 2018). Desta forma, entende-se que a introdução de um casal na coparentalidade, estabelece responsabilidades que são atravessadas por questões mais amplas que se relacionam com a sexualidade na relação conjugal.

A condição da coparentalidade é apresentada, tomando base na concepção de Feinberg (2003), a qual se define “como o envolvimento conjunto e recíproco dos pais na educação, formação e decisões sobre a vida dos seus filhos” (Mosmann *et al.* 2018, p. 230). Porém, Mosmann *et al.* (2018) acentuam a complexidade existente nas relações familiares, indicando que o termo “parentalidade” supera a restrição de termos como pai e mãe e/ou progenitores, abrangendo as relações estabelecidas entre pelo menos duas pessoas direcionadas ao cuidado de uma ou mais crianças. Destarte, assim como indicado por Engle e McElwain (2013), um dos fatores que pode implicar diretamente na efetividade da ação parental no cuidado das crianças é a relação de conflito e a intimidade conjugal.

Nesta continuidade, Mosmann *et al.* (2018) encontram apontamentos de que a relação sexual do casal exerce forte influência no funcionamento conjugal e parental. Assim, mediante a estas relações há reflexos positivos e/ou negativos no desenvolvimento dos filhos, frente à parentalidade a eles exercida. No entanto, como indicado anteriormente, o estudo acima mencionado, busca apresentar impactos das relações parentais no cuidado com as crianças, não deixa explícito como a chegada desta criança, a transição da conjugalidade para a parentalidade, afeta a sexualidade do casal.

Indo de encontro a esta lacuna, Vilar e Rabinovich (2014) investigam os tipos de conjugalidade e sexualidade na transição para a parentalidade com mulheres de classe média na cidade de Salvador, na Bahia. As autoras destacam o ritmo de vida acelerado na contemporaneidade, como sendo causador do aumento da complexidade de papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade. Elas apontam que a união entre duas pessoas, expressa na conjugalidade, supera o caráter sentimental, indo de encontro à satisfação sexual, tendo a sexualidade como fator ímpar a esta relação.

A transição entre conjugalidade para a parentalidade é apresentada como sendo a causa da transformação de mulheres e homens em pais e mães, tendo uma nova configuração com a chegada de uma nova figura na família. A partir daí, as autoras apresentam indagações sobre como esta reconfiguração nas relações, pode afetar a sexualidade, tanto de mulheres, quanto de homens.

A chegada de um filho faz com que a mãe sinta-se ignorada e isolada, sobrecarregada ante a maior complexidade das tarefas e relacionamentos. Os esposos, por sua vez, tentam ser bons maridos, pais e trabalhadores e acabam interpretando a aparente falta de interesse de suas esposas como uma rejeição, ou deixam de perceber o exaustivo trabalho que elas realizam. (Vilar & Rabinovich, 2014, p. 30)

Desta forma, destaca-se o forte impacto da chegada de um bebê na vida do casal, implicando nas relações conjugais, seja com relação a fluidez, comunicação, sexo e/ou a falta dele, possibilitando um desencadeamento de uma crise. Acerca disto, Menezes e Lopes (2007) analisaram a relação conjugal durante a transição para a parentalidade concluindo que esta é uma das maiores mudanças do sistema familiar, apontando que, principalmente com o nascimento do primogênito e a primeira experiência do casal com a parentalidade é um fato relevante.

A cerca da chegada do primeiro filho, Cockrell, O’neill e Stone (2009), apontam inconsistências nas perspectivas sobre o sexo. Elas indicam que mulheres acabam vendo a relação sexual como obrigação após o nascimento do filho, enquanto para os homens, o sexo representa uma necessidade orgânica. Com base neste estudo, Vilar e Rabinovich (2014) apontam a atenção que deve ser dada às dificuldades enfrentadas por casais após o nascimento dos filhos, tendo em vista a importância que a relação sexual tem para a manutenção da conjugalidade.

A interrelação apresentada entre sexualidade e parentalidade é demasiadamente complexa, compreendendo questões emocionais, subjetivas, sociais, estruturais, orgânicas, entre outras áreas. Esta complexidade é destacada por Giddens (1993), Aboim (2006) e Feres-Carneiro (2011). Tomando base, principalmente nos estudos da socióloga Sofia Aboim, Vilar e Rabinovich (2014) discutem sobre como a dupla vida, vivência individual que desempenha independência e a experiência de relação a dois, do viver com o outro. No entanto, a transição da situação “nós casal” para “nós família” exerce forte impacto na relação conjugal, “reorganizando posições de gênero, lógicas afetivas, fusões, autonomias, trabalho e lazer, em poucas palavras, as maneiras de fazer o cotidiano” (Vilar & Rabinovich, 2014, p. 34).

Aboim e Wall (2002) apresentam e categorizam as relações conjugais. Entre estas categorias, Vilar e Rabinovich (2014), em sua pesquisa, dão destaque para 3 tipos: o Companheirismo de apaixonado, Amor de “alternância” e Companheirismo em Construção. O primeiro, companheirismo apaixonado, apresenta a valorização da relação sexual enquanto fator que decorre da permanente paixão, bem como da “procura de igualdade de gênero, fusão



emocional, intimidade, comunicação, apoio” (p. 34), valorizando a conjugalidade, bem como a parentalidade, deixando a individualidade, para estabelecer prevalência sobre a família.

O segundo tipo, amor de “alternância”, apresenta o foco na independência pessoal, estabelecendo intimidade e negociação com o parceiro sem negar a autonomia um do outro, favorecendo a isonomia e capacidades individuais, bem como realizações pessoais e sexuais. Por último, o companheirismo em construção, apresenta uma conotação ainda maior de liberdade individual, principalmente no que se refere à participação feminina, quanto sua realização pessoal e profissional. Desta forma, exerce-se um “um companheirismo visto como dinâmico, mutável, em constante renovação” (Vilar & Rabinovich, 2014, p. 35), sem ver a relação sexual como de importância vital para o casal. No entanto, além do favorecimento da autonomia feminina, tal tipo de relação apresenta uma sobrecarga sobre a mulher, que imputa a exigência de ela que dê conta de todas as tarefas e frentes que vem desempenhando.

Vilar e Rabinovich (2014), em sua pesquisa, destacam que os casais que dão importância ao sexo na conjugalidade, acabam tendo reconfiguração significativa com a chegada do filho, no entanto, eles demonstram ter meios de lidar com essas mudanças, sem que a vida sexual do casal seja afetada drasticamente. Já aqueles casais que se encaixam no terceiro tipo de relação, onde o sexo não é tão valorizado, com a chegada do primeiro filho a falta de relação sexual do casal, só fez se agravar, implicando também na diminuição do desejo sexual pelo parceiro, a diminuição da comunicação, efervescendo uma crise no relacionamento do casal, suprimindo a visão coletiva em favor de uma individualista que cessa a alteridade e companheirismo.

Algumas pesquisas apontam a importância do papel profissional e do planejamento familiar inclusive para abordar além de questões biológicas, a relação conjugal e a reorganização da atividade sexual com a chegada de um novo membro familiar, como se discorre a seguir.

## **PAPEL DO PROFISSIONAL DE SAÚDE E DO PLANEJAMENTO FAMILIAR PARA A VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE**

A atuação de profissionais da saúde na proposição de medidas educativas que discutam a sexualidade e o planejamento familiar tem sido evidenciada nas pesquisas de Sanches e Simão-Silva (2016) e Sanches, Parteka e Sanches (2018). Como fora apresentado na sessão anterior, a inserção de uma criança na relação de casais impacta de diversas formas a conjugalidade. Desta forma, estudos apontam a importância de se estabelecer cuidados e critérios para a execução de planejamento familiar.

Nesta continuidade, Sanches e Simão-Silva (2016) indicam que o casamento, como um contrato social, implica em outros aspectos comumente a ele atrelados, como a constituição de uma “família, ter filhos, ser pais, ser cônjuge, a sexualidade e a reprodução” (p. 74). Neste contexto, o sexo é representado com destaque, que na maioria dos casos define a manutenção do casamento. No entanto, além do planejamento familiar, objetivando a função sexual reprodutiva, mediante aos métodos contraceptivos, entre outros fatores, é possível optar por não ter filhos, tendo esta decisão como plano de vida.

Tendo isto em vista, Sanches e Simão-Silva (2016) apontam que os profissionais de saúde possuem capacidade técnica e teórica para possibilitar aos pacientes a proposição de um planejamento familiar, que problematize questões engessadas sobre o matrimônio, constituição da família e a sexualidade. Sendo possível pensar em diversas possibilidades até então apagadas, como a constituição de uma família monoparental e/ou adoção, sem implicar diretamente no ato sexual, tendo a dissociação entre gravidez e “ser pais”.

Neste sentido, há destaque nestes estudos para o direcionamento de um plano da sexualidade, indicando a constituição ou não de uma família, tendo a parentalidade como intencional e planejada.

Por isso podemos pensar numa ética da sexualidade ou em aspectos mínimos para uma sexualidade saudável no contexto do planejamento familiar: o consentimento do/a parceiro/a e as questões relacionadas com a parentalidade. Evidentemente que a sexualidade é doentia se existe imposição do ato sexual a um dos parceiros, e se torna irresponsável se desempenhada sem a devida atenção à sua força procriativa. Do ponto de vista ético, a liberdade sexual está fundamentada no princípio da autonomia, o que significa dizer, no direito de escolher livremente uma opção sem pressões paternalistas ou autoritárias e com o limite de que a opção escolhida não afete a terceiros. (Sanches & Simão-Silva, 2016, p. 79)

Desta forma, o pensar a sexualidade, tomando como ponto de partida um planejamento ético e responsável implica em mais uma das muitas tarefas atribuídas por Sanches *et al.*, (2018) aos profissionais de saúde. Eles afirmam que tais profissionais podem atuar com a postura de um educador sexual, apresentando além de informação, também possibilidades, “em consonância com a promoção da saúde que pressupõe uma educação para a autonomia do ser humano” (Sanches *et al.*, 2018, p. 145). Propiciando assim, que cônjuges possam dialogar sobre o planejamento familiar antes da fecundidade e/ou parentalidade.

Sendo assim, faz-se necessário alargar as discussões sobre a sexualidade no planejamento familiar, tendo a participação dos profissionais de saúde como possibilidade para tal projeção. Tendo em vista que, “o âmbito familiar o diálogo sobre o tema é muitas vezes pobre ou inexistente, na escola é mais voltado para aspectos biológicos, visando a reprodução” (Sanches *et al.*, 2018, p. 143). O profissional de saúde pode, então, atuar como agente de educação sexual e parental, de forma consciente, possibilitando a construção de um planejamento familiar responsável, auxiliando a evitar gravidez indesejadas, prevenir as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), bem como de alertar contra a violência sexual e outros aspectos sanitários.

Outro papel que é atribuído aos profissionais de saúde, tem sido o de propiciador de reflexões sobre a sexualidade, inclusive na gestação (Progianti & Costa, 2012; Teixeira, Oliveira & Wottrich, 2015). Na pesquisa de Progianti e Costa (2012) é dado o destaque para a importância de que as pessoas se sintam livres para falar abertamente sobre sua sexualidade. Elucidou-se que o medo de falarem de falar sobre sua sexualidade e/ou de desenvolver relações sexuais durante a gestação, podem gerar conflitos no relacionamento conjugal.

As reações das mulheres, inclusive quando se trata da sexualidade, estão ligadas à forma que sua cultura concebe o corpo feminino. Essas reações serão interpretadas e moldadas a partir das experiências das mulheres, o que define suas sensações e atitudes. Neste sentido, muitas mulheres, por terem sido socializadas em um meio muito repressivo, apresentam-se envergonhadas ao falar de sua sexualidade, e por isso mesmo, não a expressam. No entanto, no período gestacional é muito importante a abordagem desta temática, pois alguns autores apontam para uma íntima relação do parto com o orgasmo, mediada pela utilização dos músculos perineais e pela liberação do “hormônio do amor”, a ocitocina, abarcando, portanto, dimensões importantes da sexualidade. (Progianti & Costa, 2012, p. 259)

Além disso, compreende-se que é necessário desenvolver o autoconhecimento e respeito do corpo, a fim de que as situações adversas causadas pela gestação não acarretem consequências negativas para o casal. Assim, a proposição das enfermeiras que atenderam gestantes e possibilitaram um espaço de diálogo sobre a sua sexualidade da condição gestacional em que se encontram, contribui para a redução dos medos, e respeito ao corpo, sentidos e sentimentos neste período de gestação da prole que reconfigura totalmente a conjugalidade no exercício da parentalidade.

Neste seguimento, Teixeira *et al.* (2015) destaca que o desempenho sexual durante a gestação é um fator que pode variar bastante. No entanto, em sua pesquisa, um número considerável de mulheres apresentou redução nas relações sexuais com seu parceiro. Alguns fatores podem ser responsáveis por isto, como a “dor no ato sexual, indisposição e cansaço, porém aspectos culturais também podem estar envolvidos neste processo como o medo de machucar o bebê” (p. 515). Sendo assim, é importante pensar meios e mecanismos de orientação das gestantes para que haja esclarecimentos sobre a sexualidade na gestação e com a chegada do bebê, tendo sempre respeito às diferentes crenças e culturas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta revisão, pôde-se sistematizar grandes áreas trabalhadas acerca da chegada do primeiro filho e suas reverberações no contexto afetivo sexual a partir dos achados aqui dispostos como arcabouço. Nota-se que a sexualidade sofre impactos já na fase da gestação, momento que revela aos cônjuges a mudança da conjugalidade para a parentalidade, na qual crenças culturais e religiosas podem atuar como fator limitante na vivência e expressão da sexualidade, a qual por muitas vezes sendo entendida como apenas ato sexual, não permite ao casal vislumbrar possibilidades e adaptações outras, tanto na percepção da mulher, quanto de seus parceiros, o que se estende ao período pós-parto, bem como na amamentação.

O exercício da parentalidade, por sua vez, também guarda desdobramentos com a chegada de um novo membro familiar, pois demanda reorganização por parte do casal, sendo um momento de vulnerabilidade que pode culminar em crises conjugais a depender de como o casal se ajusta e mantém seu funcionamento. Com isto, nota-se um papel primordial de profissionais que atuam no planejamento familiar ao possibilitar estratégias que permitam ao casal pensar neste momento de transformação e lançar mão em informações que podem ser úteis durante este período, principalmente atuando no sentido de desmistificar crenças acerca da sexualidade.

## REFERÊNCIAS

- Aboim, S. (2006). *Conjugalidades em mudança. Percursos e dinâmicas da vida a dois*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Aboim, S., Wall, K. (2002). Tipos de família em Portugal: interações, valores, contextos. *Análise Social*, 37(163), 475-506.

- Alves, D. de A., Alves, B. S. de S., Santana, W. J. de, Moreira, F. T. L. dos S., Oliveira, D. R. de, & Albuquerque, G. A. (2018). Percepção masculina sobre atividade sexual no período gestacional. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 31(2). <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/6861>
- Araújo, N. M., Salim, N. R., Gualda, D. M. R., & Silva, L. C. F. P. da. (2012). Corpo e sexualidade na gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* [online], 46(3), 552-558. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000300004>
- Bolsoni-Silva, A. T., Paiva, M. M., & Barbosa, C. G. (2009). Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: um estudo de caracterização. *Psicologia Clínica* [online], 21(1), 169-184. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000100012>.
- Coutinho, E. de C., Silva, C. B., Chaves, C. M. B., Nelas, P. A. B., Parreira, V. B. C., Amaral, M. O., & Duarte, J. C.. (2014). Gravidez e parto: o que muda no estilo de vida das mulheres que se tornam mães?. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* [online], 48(2), 17-24. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800004>
- Cockrell, S., & O'Neill, C.. Stone, J. (2009). *Casamento à prova de bebês: como ter uma relação equilibrada, manter a chama acesa e formar uma família feliz*. Rio De Janeiro: Sextante.
- Engle, J. M., & McElwain, N. L. (2013). Parental depressive symptoms and marital intimacy at 4.5 years: Joint contributions to mothers-child and father-child interaction at 6.5 years. *Developmental Psychology*, 49(12), 2225-2235.
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: a framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-132.
- Feres-Carneiro, T. (2011). *Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Fernández-Sola, C., Huancara-Kana, D., Granero-Molina, J., Carmona-Samper, E., López-Rodríguez, M. del M., & Hernández-Padilla, J. M. (2018). Sexualidade durante todas as fases da gravidez: experiências de gestantes. *Acta Paulista de Enfermagem* [online], 31(3), 305-312. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201800043>
- Ferreira, D. Q., Nakamura, M. U., Souza, E. de., Mariani Neto, C., Ribeiro, M. C., Santana, T. das G. M., & Abdo, C. H. N.. (2012). Função sexual e qualidade de vida em gestantes de baixo risco. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia* [online], 34(9), 409-413, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0100-72032012000900004>.

- Freitas, A. P. C. O., & Piccinini, C. A. (2010). Práticas educativas parentais em relação ao filho único e ao primogênito. *Estudos de Psicologia* (Campinas) [online], 27(4), 515-528.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.
- Guendler, J. A., Katz, L., Flamini, M. E. D. M., Lemos, A., & Amorim, M. M.. (2019). Prevalence of Sexual Dysfunctions and their Associated Factors in Pregnant Women in an Outpatient Prenatal Care Clinic. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia* [online], 41(9), 555-563. <https://doi.org/10.1055/s-0039-1695021>.
- Hintz, H. C., Dellazzana-Zanon, L. L., & Baginski, P. C. H. (2015). Transição da conjugalidade para a parentalidade: implicações da chegada dos filhos para a relação conjugal. In *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. Org. Thiago de Almeida - vol. 3. São Paulo: PoloBooks. <https://domusterapia.com.br/wp-content/uploads/2020/02/Transicao-da-Conjugalidade.pdf>
- Kalil, I. R., & Aguiar, A. C. (2021). Aquilo que a amamentação retira e o desmame restaura: relatos maternos sobre tensionamentos e materiais de comunicação e informação em saúde. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, 15(3). <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2328>
- Laxman, D. J., Jessee, A, S. C., Mangelsdorf, S. C., Rossmiller-Giesing, W., Brown, G. L., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2013). Stability and antecedents of coparenting quality: the role of parent personality and child temperament. *Infant Behavior and Development*, 36(2), 210-222. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0163638313000027>
- Mathias, A. E. R. de A., Pitangui, A. C. R., Arantes, V. A., Freitas, H. G. V. e, Vilela, F. M. F., & Dias, T. G. (2015). Disfunção sexual: Avaliação de mulheres durante o terceiro trimestre gestacional. *ABCS Health Sciences*, 40(2), 75-79. <http://dx.doi.org/10.7322/abcschs.v40i2.734>.
- Menezes, C. C., & Lopes, R. C.S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF* [online], 12(1), 83-93. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712007000100010>
- Mosmann, C., Costa, C. B. da., Silva, A. G. M. da., & Luz, S. K. (2018). Filhos com Sintomas Psicológicos Clínicos: Papel Discriminante da Conjugalidade, Coparentalidade e Parentalidade. *Trends in Psychology* [online], 26(1), 429-442. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-17Pt>

- Prado, D. S., Lima, R. V., & Lima, L. M. M. R. (2013). Impacto da gestação na função sexual feminina. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia* [online], 35(5), 205-209. <https://doi.org/10.1590/S0100-72032013000500003>.
- Progianti, J. M., & Costa, R. F. (2012). Práticas educativas desenvolvidas por enfermeiras: repercussões sobre vivências de mulheres na gestação e no parto. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online], 65(2), 257-263. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000200009>.
- Queiroz, C. N. S. A., Sousa, V. E. C., & Lopes, M. V. O. (2013). Diagnóstico de enfermagem disfunção sexual em gestantes: uma análise de acurácia. *Revista Enfermagem UERJ*, v. 21, n. 6, 705-710. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/11396>.
- Ricci, E. C., Pereira, M. B., Erazo, L. J., Onocko-Campos, R. T., & Leal, E. M. (2020). Revisão sistemática qualitativa sobre avaliações de serviços em saúde mental na perspectiva dos usuários. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* (Ed. port.), 16(2), 94-105. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762020000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762020000200012&lng=pt&nrm=iso)
- Sanches, M. A., Parteka, L., & Sanches, L. C. (2018). Importância do profissional de saúde na educação sexual e parental. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 5(10), 144-163.
- Sanches, M. A.; & Simão-Silva, D. P. (2016). Planejamento familiar: do que estamos falando?. *Revista Bioética* [online], 24(1), p. 73-82. <https://doi.org/10.1590/1983-80422016241108>.
- Silva, J. M. C. da, Silva, R. M. C. da, Pereira, R. de O., Nunes, M. A. N, Lima Júnior, A. S., & Dias, J. M. de G. (2014). Perfil Sexual de gestantes atendidas em pré-natal de alto risco. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 25(1). [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/166](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/166).
- Siqueira, L. K. R.; Melo, M. C. P.; & Morais, R. J. L. (2019). Pós-parto e sexualidade: perspectivas e ajustes maternos. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 9(58). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/33495>.
- Teixeira, R. A., Oselame G.B., Dutra, D. de A., Oliveira E. M. de., & Neves, E. B. (2015). Consulta de pré-natal de enfermagem: cuidado além dos aspectos fisiológicos. *Revista Vale*, 13(2). <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v13i2.2346>.
- Teixeira, M. A. P.; Oliveira, A. M.; & Wottrich, S. H. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. *Psicologia:*

*Reflexão e Crítica* [online], 19(3), 433-441. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300012>.

- Viana, D. F., Barrêto, A. J. R., Fonseca, E. N. R. da., Costa, C. B. A., & Soares, M. J. G. O. (2013). Vivência da sexualidade feminina no período gestacional: à luz da história oral temática. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 12(1), 88 – 95.
- Vilar, J. O. V., & Rabinovich, E. P. (2014). Tipos de conjugalidade e sexualidade na transição para a parentalidade de mulheres de classe média de Salvador, Bahia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(1), 2014. <https://doi.org/10.12957/epp.2014.10478>.

---

**Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa:** Doutora em Ciências da Saúde, Professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

**E-mail:** virginia@gestaltclinica.com.br

**Letícia Marlene dos Santos Figueiredo:** <https://orcid.org/0000-0003-2588-3586>\_ psicóloga, mestranda em psicologia pela UFPA/PPGP.

**E-mail:** leticiamsfigueiredo.psi@gmail.com

---

Recebido em: 02/12/2022

Primeira Decisão Editorial em: 05/06/2023

Aceito em: 11/10/2023